

Antropologia, cinema, festas e rituais, performances, fotografias, máscaras, músicas, publicidade, religiosidades. Por aí passa o universo de imaginação etnográfica apresentado em mais um número da *gis*. Nosso projeto de construir outros lugares de escritura textual, imagética e sonora da antropologia vai de vento em popa, fazendo coabitar registros e práticas de sentido em uma indisciplina característica de produções mal acomodados por nomes e categorias.

Na abertura de nossa seção de **ARTIGOS**, os textos de Inês Ladeira, André Demarchi e Diego Dias, Ruben Caixeta de Queiroz e Renata Otto Diniz, agrupados em dossiê organizado por Paula Morgado a partir das contribuições realizadas no encontro *Olhares Cruzados*, encontram nas práticas de realização audiovisual indígena uma densidade etnográfica particular para repensar noções estritas de filme e cinema.

As técnicas de registro e composição são reapropriadas pelas comunidades estudadas por essas/es pesquisadoras/es de forma a descaracterizar traços que as sociedades ocidentais tomam como marcantes da produção audiovisual: a separação entre material bruto e editado, a própria montagem como pedra de toque do cinema, o filme como produto e não como processo e, portanto, sua ligação com rituais e performances em uma construção em ato e gesto cuja finalidade é o próprio fazer, seja na produção ou na circulação dos materiais registrados pelo olho da câmera.

Nesses textos, ganha relevância os entendimentos do protagonismo contemporâneo de cineastas indígenas que passam a organizar e disputar o conjunto de representações presentes e futuras de suas próprias culturas, convertendo-se não somente em artistas *per se*, mas em importantes mediadores culturais. Como salienta o ensaio de análise fílmica de Renato Sztutman que abre a seção **GIS** e também faz parte do dossiê, esses sujeitos assumem a produção de imagens e sua circulação para fins que não se dizem apenas da estética, mas se encontram umbilicalmente conectados com dimensões políticas de sua existência. Ou ainda com uma cinecosmopolítica, tal como conceitua Ruben Caixeta de Queiroz e Renata Otto Diniz.

Em seguida, temos dois artigos que focam questões do imaginário social através de expressões imagéticas próprias das sociedades contemporâneas. O texto de Riccardo Putti retoma o tropos do pós-humano através de um trabalho analítico que conjuga tanto os *insights* oferecidos pelo filme *Gattaca* quanto as obras *Genesis* e *Cypher* de Eduardo Kac. Nas reflexões de Camila Ludovice e Layd Nogueira, por sua vez, as imagens

publicitárias se prestam a uma investigação que, a partir do material produzido pela Brahma com referência à Copa do Mundo de 2014, marca a inventividade potencial de apropriações paródicas e dialógicas, que são agenciadas por diversos sujeitos no contexto das redes sociais.

O terceiro artigo, de Alice Villela, retoma as questões em torno da imagem como mediação a partir de um conjunto de sentidos próprio aos Asuriní do Xingu. A complexidade de concepções e usos dessa prática imagética nos é dada a conhecer tanto historicamente, na digressão que a autora faz ao retomar a acepção patogênica que marcou o primeiro contato desses sujeitos com a fotografia, quanto no plano sincrônico que se apresenta na diferença de entendimentos que padres etnólogos e indígenas possuem em relação à essa produção.

O artigo de Kelen Pessuto retoma os temas da desconstrução de métodos e a rearticulação de sentidos na produção audiovisual através da obra do cineasta português Pedro Costa. O processo de construção fílmica desse diretor é trazido à tona a partir da noção de bricolagem que, conjugada com um método de concepção fílmica profundamente marcado pela estética *punk* e pelo lema DIY (*Do It Yourself*), enseja tessituras imagéticas e sonoras que, para utilizar as palavras da autora, são mais democráticas e assumem, em seu fazer, proposições dos sujeitos com os quais esse cinema se faz.

Já o artigo de Marcela Vasco se bem trata da fotografia como visibilidade, também a problematiza a partir dos vazios que a compõe e dos pontos de invisibilidade e refração à representação produzidos pela tentativa de capturar tragédias como o rompimento da barragem da mineradora Samarco em Bento Rodrigues, distrito da cidade de Mariana em Minas Gerais. Ao recorrer às reflexões de Didi-Huberman, a pesquisadora produz um terreno fértil de experimentação prática com fotografias enterradas e sobreviventes, como as chama, para compor uma consideração dessas representações visuais que não busca hipertrofiá-las nem insensibilizá-las.

O jogo entre imagem e texto na produção de sentidos etnográficos é uma estratégia também utilizada por Isabel Penoni em uma análise que, ao tomar os *makixi*, ancestrais manifestados na forma de bailarinos mascarados, como centro de atenção, faz ver relações bastante particulares entre a morfologia das máscaras e determinadas particularidades performáticas, especialmente relacionadas a estilos de dança. Tendo como cenário o Festival Internacional Tradicional Luvale, a autora, por um lado, discute processos de objetificação e comercialização da “cultura” e, por outro, mobiliza o escrutínio etnográfico dos sentidos do *makixi*, original dos rituais de circuncisão masculina praticado pelos luvale, para nos conduzir, tanto textual quanto imagetivamente, a um universo

complexo de interação entre expressões culturais e simbólicas que mobilizam, a partir de uma consistência cosmológica própria, diversas relações entre humanos, não-humanos e formas expressivas diversas.

Na seção que dá nome à revista, além da já mencionada análise fílmica de Renato Sztutman sobre os filmes do cineasta innu Réal J. Leblanc e do vídeo *Indian Time* de Carl Morasse, ambos incluídos como parte do dossiê *Olhares Cruzados*, temos o ensaio de Cristina Rosal sobre o fado português. A autora, ela própria fadista, descreve e inscreve com sua voz, acompanhada de músicos da cena lisboeta, vários tipos de fado, em uma atenção cruzada à formas expressivas diversas como vestimentas, performances, dança e música. Para ler, ver e ouvir.

Seguimos a seção com um ensaio poético audiovisual de Carolina Abreu realizado quando da visita de Richard Schechner ao Brasil. Conversas, palestras e seminários desse expoente pesquisador da antropologia da performance pautam esse filme.

Completando o conjunto de ensaios audiovisuais, temos a mistura de elementos de tradições religiosas e culturais diversas como pano de fundo da investigação audiovisual realizada por Rui Mourão num vídeo experimental de duas telas sobre a santería cubana. A confluência de dois enquadramentos deixa ao espectador a montagem de sentidos, produzindo conexões que não se restringem à soma de suas partes e sugerindo formas alternativas de manejar o jogo de imagens obtidas em campo.

O ensaio fotoetnográfico de Thiago Oliveira também se lança sobre imagens e imaginários da religião, dessa vez a partir de festejos de Cosme e Damião nos subúrbios do Rio de Janeiro. O sincretismo entre catolicismo e religiões afro-brasileiras nos conduz às igrejas e centros de umbanda e candomblé, passando por ações que envolvem, na presença ativa de crianças, tão característica dessas festividades, uma miríade de práticas de distribuição e consumo de doces, aí transformadas em oferendas rituais.

O trabalho fotográfico de Alexander Hilsenbeck Filho nos faz deixar o sagrado religioso e adentrar o minado campo da resistência social. As fotografias, apresentadas em preto e branco, foram tiradas durante o *I Festival CampArte pela Humanidade*, em julho de 2016, e revelam uma série de situações sociais cujo denominador comum é o uso marcado dos passamontanhas. Esse elemento é estético e político e opera tanto a possibilidade de apagamento da individualidade e a ênfase nos sentidos coletivos da luta zapatista, quanto impossibilita o sistema de reconhecimento e controle desses rebeldes pelo Estado, permitindo sua circulação social.

O ensaio fotopoético de Carlos Fadon Vicente encerra nossos gestos,

imagens e sons. Nele, imagens se constroem a partir de detalhes e sutilezas do ambiente urbano, combinando preocupação estética e ambivalência etnográfica, universo de sentido visual mais sugerido que mostrado, mais pressentido que encontrado.

A seção dedicada à traduções, entrevistas e resenhas inicia com a versão em português, inédita, de um texto de Marilyn Strathern intitulado *Gênero de uma perna só*. Nesse artigo, a autora articula pressupostos dos sistemas visuais melanésios, os “tipos particulares de exibição” que fazem emergir as formas que compõe o mundo, ao imaginário de gênero que foi tão sofisticadamente analisado em toda sua obra, combinando, assim, dois importantes campos de reflexão antropológica contemporânea.

Como entrevista, voltamos ao universo do teatro e da performance ao mergulhar no diálogo entre John Dawsey e Richard Schechner. Contudo, os temas discutidos são tão variados quanto a trajetória indisciplinar dos autores e perpassam problemas que vão desde práticas etnográficas e discussões antropológicas sobre ritual, teatro e experiência até sentidos mais amplos da experiência estética e mesmo arte das cavernas, performance paleolítica, etologia, biologia e física.

As resenhas formam um conjunto bastante variado e analisam livros nos quais são tratadas questões como o lugar da imagem em problemas conceituais propriamente antropológicos (*A experiência da imagem na etnografia*), o modernismo artístico brasileiro a partir da obra de Anita Malfatti (*De Anita ao museu. O modernismo, da primeira exposição de Anita Malfatti à primeira Bienal*), relações entre dança popular e dança teatral (*Dança popular: espetáculo e devoção*), a persona cinematográfica de Humphrey Bogart (*Bogart duplo de Bogart: pistas da persona cinematográfica de Humphrey Bogart, 1941-1946*), a fotografia, arquivo fotográfico e memória (*O instante incerto*), fotografia no Brasil oitocentista (*Fotografia e Império: paisagens para um Brasil moderno*) e contemporaneidade e incerteza social (*O mundo inteiro como lugar estranho*).

Encerrando a edição, a seção **ACHADOS NA REDE**, criada em 2017, traz um bate-papo, em forma de *talk show*, entre o artista Rafucko e o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro no qual se tece uma crítica e bem-humorada reflexão sobre disputas e problemas que assolam o Brasil nos dias de hoje.

Como se pode notar, a diversidade temática e a pluralidade de abordagens e formas de jogar com métodos e composições distintas na criação de um imaginário etnográfico particular continuam sendo nosso horizonte de atuação editorial. Os ensaios aqui publicados produzem importantes tentativas que conjugam textos, imagens, sons e outras formas expressivas na construção de um mosaico tão amplo quanto propõe nossa aspiração e nosso desejo de experimentar.